

PALHAÇADA ELEITORAL

O pessoal só tem falado me linchar por causa de certas declarações que fiz aqui mesmo, através das quais manifestava o meu desgosto, ou antes, o meu desespero, à perspectiva das próximas eleições em outubro. Eleições que, se se realizarem, o que ainda não é certo, será sob dois signos: o da rólha e o do citrão.

Comido pela infâmia, isolado e embautecido por uma propaganda unilateral e mentirosa, premido pela miséria, sem esperanças no futuro, a grande maioria do nosso pobre electorado só funciona hoje à base da intimidação e do suborno. É uma vergonha, é uma desgraça, mas é verdade.

E os que se sentem ofendidos com esta constatação que me desmistam pelo amor de Deus, mas com o único desmentido válido: elejam quem presta, e não quem paga.

São palavras de Rachel de Queiroz, no *Cruzeiro*, artigo "Eleições", antes das postadas... que houve! Também para eleger quem presta precisa pagar, illustre colega. A ré vive sempre no paroxismo da verba, do capitalismo. A eles pertence. As suas eleições são o mercado em que lutam interesses privados nacionais e estrangeiros, bem como interesses imperialistas estrangeiros e anti-nacionais.

Cego ou INTERESSADO na "marmelada" é quem não vê isto. Com república, não há salvação para o Brasil. Estamos "morti, infarinati e friti".

Leia

POLÍTICA E TEORIA DO ESTADO

de J. P. Galvão de Sousa

Edição Seravia. Em todas as livrarias.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Se no terreno político, o reinado de D. Pedro II se caracterizou pela liberdade, pela tolerância, pela democracia, no terreno administrativo o Império foi o progresso. Para se ter uma ideia do nosso imenso surto basta ver o que éramos em 1889 e qual a nossa situação em 1840. Então era a nossa importação de 57.727 contos. Em 1889 ela está elevada a 157.488.000\$000, quer dizer muito mais do dobro. Em 1840 a exportação não ia além dos 41.671.791\$000. Em 1889 é de 206.405 contos. A receita eleva-se de 18.600 a 177 mil. O Império é o déficit, dizem, no andar de sua propaganda, os entusiastas da república... Bendito déficit! A 15 de novembro de 1889, quando a Monarquia baqueava, o governo podia contar, como consta dos documentos oficiais, com mais de 100 mil contos de réis. No tesouro havia um saldo de 7.500 contos; no Banco Nacional do Brasil, de 2.600 contos; na Agência Financeira de Londres, 21.300. Cerca de 3.000 estavam nos Estados-Unidos para a compra de prata destinada à cunhagem de moedas. Do empréstimo externo entabulado pelo Visconde de Ouro-Preto havia 65 mil contos a receber. Tudo isso sem falar em 28 mil contos que o tesouro deveria arrecadar, ainda, por conta do exercício financeiro prestes a findar-se.

Era só? Não. O câmbio estava a 27. Uma libra valia 85\$00! Hoje (1925) temos câmbio a 5, menos que a fracção do que éle era quando se proclamou a república, e a libra cotada a 34\$000. E o crédito do governo? Visconde de Ouro-Preto balanceando os recursos de que éle podia lançar mão, mostrava em 1889, que o governo podia retirar do Banco do Brasil a soma de 10 mil contos, em conta corrente. Em condições idênticas, por contrato firmado, podia levantar 5 mil contos no Banco Nacional. E sobre a Europa podia "Sacar a descoberto", na própria frase do benemérito presidente do gabinete de 7 de junho, até cinco milhões de libras esterlinas, "importância do crédito que negociara e conseguira abrir."

Em 1840, quando se inicia o segundo reinado, não havia estrada-de-ferro no país. Em 1889 estão construídos nada menos de 9 mil quilómetros. E' pouco? Mas precisamos descontar dos 49 anos que durou o Império de Pedro II, dez anos que se consumiram na grande obra de pacificação nacional, sem se falar nas três guerras externas que o Brasil foi obrigado a sustentar.

No campo da INSTRUÇÃO PÚBLICA realizamos progressos espantosos. A este respeito, o erudito historiador e illustre homem de letras, o sr. Max Fleury fornece-nos dados de uma precisão impressionante. Em 1844 havia no Rio apenas 16 escolas públicas e 34 colégios particulares. Em 1851 promulga-se aquela sábia lei que comina multas em dinheiro, dobradas em caso de reincidência, para os pais, tutores e curadores "que mantiverem sob sua guarda maiores de 7 anos, sem incapacidade física ou moral, e não as mandarem frequentar as aulas primárias."

Em 1860 as 16 escolas públicas são 3.516 escolas, com frequência superior a 115 mil alunos. Em 1876 contam-se 6.000 escolas primárias e uma frequência de 200.000 alunos. Finalmente, em 1889, 300.000 crianças frequentam 7.500 escolas!

E o Imperador achava que era pouco, achava que era nada.

Heitor MONIZ, "O 2.º Reinado",
Liv. Edit. Leite Rib., 1928.

RÉ PÚBLICA. OU CIRCO DE CAVALINHOS?

A docência moral, a falta de compostura dos homens que militam nos quadros da politicarquia republicana, arroudos por essas "certas" sceleras que são os seus partidos políticos, já agora, não são causam mais nem piedade e nem vergonha, mas fazem-nos rir.

Os candidatos — em sua absoluta maioria brancos, medíocres, ou simplesmente analfabets — dizem tantas anseiras em suas cartinhas de apresentação, em seus slogans, ou em sua propaganda através dos jornais, rádios, T. Vs., cartazes, etc., que nos estorrecem e... nos fazem rir. São uns pândegos. Pândegos e malandros! Prometem mundos e fundos, unt, malandros, sabendo que não os poderão cumprir; outros, pândegos ignorando que não os poderão sequer apresentar, porque não são da competência da ergia política onde irão atuar, se cleitos.

É uma verdadeira bambocata. Um autêntico circo de cavalinhos. Os partidos políticos, então, com seus comités late isto nêles, "estrangelo" empagolados com as figuras sempre ridiculas das seus patronos, ou dos seus candidatos de pró e seus gritantes altolalantes que berçam noite e dia, do permeio com os slogans partidários, sambas e marchas carevalescas, fachadas super-iluminadas, nos dão a nitida ideia de porta de circo, em dia de função.

É uma autêntica palhaçada! (Que nos perdoem os palhaços de verdade, que ao contrário dos políticos, são homens dignos).

Nesta eleição para varredores, então, a falta de compostura de vergonha chegou ao zenith. Imaginem os caros leitores que, em São Paulo, o P.R.T. (Partido republicano trabalhista, ou causa que o vs. lha...) instalou, no tradicional Viaducto do Ché, uma... releta. Uma releta, sim senhores, com os nomes de seus candidatos, convidando e transientes a girá-la para escolha do candidato em que votar a 4 de outubro. É o fim do mundo! Não é possível descer mais! Estamos no fundo do poço!

De acôrdo com a sistemática republicana — embora falsíssima, no o sabemos — o varredor, o deputado é um representante do povo no parlamento (lá se parla muito...) é um seu procurador; é a sua voz que lá se alteia. Se o candidato deverá ser, se cleitto, o meu representante, o meu procurador a transmitir e a solar, ali, pelos meus interesses, pela minha vontade de cidadão, deve escolhê-lo a dedo. Dito conhecer-lho, particularmente, as suas virtudes, a sua capacidade, a sua cultura, a sua intoligência, a sua vida progressa, para que eu esteja bem representado, para que não aconteça — o que realmente acontece... — de o representante decidir de representar os meus interesses e passar a representar o dile próprio!

Assim, devo escolhê-lo com o máximo de cuidado. O P.R.T., entretanto — e este partido é apenas um exemplo que cito, entre TODOS — não acha assim. Qualquer dos seus candidatos serve. Como o candidato não vai representar ninguém que nêle vota, senão a ele próprio e um pouquinho a seu partido, que o eleitor vote em qualquer um (Vide Monarquia, n.º 27 — Julho/Agosto 59), pois que tanto vale votar num, ou neutro: são todos iguizinhos. São "tutti buona gente".

É incrível, mas é verdade. Assim "funciona" o regimen republicano! Outra malandragem dos partidos é a apresentação de uma enorme chapa de candidatos de diversificadas profissões, como por exemplo: farmacêutico, advogado, meteorista, comerciarío, funcionário público, ferroviário, militar, jornalista, constructor, pilãoes comercial, etc. (Vide

Leia

O ESTADO É MEIO E NÃO FIM

J. C. ATALIBA NOGUEIRA

Em todas as Livrarias

ESTADO E IGREJA

Quando o Império e o Sacerdócio vivem em boa harmonia, o mundo é bem governado, a Igreja está florescente e fecunda. Mas, quando há discórdia se mette de permissão, não só as pequenas coisas deixam de crescer, mas as grandes delirham miseravelmente.

Ivo de CHARTRES

LEIA

Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino

de A. VEIGA DOS SANTOS

nas Livrarias

AOS PALPITEIROS

O único meio de algum não errar é não fazer nada e criticar o que fazem e, por isso, às vezes erram. Mas o facto de não fazer nada já é o maior dos erros. No mínimo, é omissão grave e culposa. — P. N.

Leia a "Orgânica Patrianovista" e mande às favas todas as utopias republicanas e democráticas cujo último desfêcho é ditadura, despotismo, tirania e escravidão.

(chapa do Partido Republicano de São Paulo, com 45 nomes). Por que TODOS os partidos fazem isto, desde os partidinhos comunistas, ou comunistizados, até os grandes partidos U.D.N., P.S.D., P.T.B., D.D.C., etc.? Simplesmente para tomar votos.

Realmente, os seus dirigentes sabem que a maioria desses candidatos que admitem em suas chapas, não têm a mínima oportunidade de serem eleitos, mas poderão correr para a legenda do partido uma quantidade qualquer de votos que, somados todos eles, conseguirão eleger mais um, ou mais alguns vereadores, deputados, ou coisa que o valha, para engressar-lhe a bancada na edilidade, ou no parlamento.

Os idiotas dos candidatos, prechos do burrico, ou do ardiado apotito, entram para a chapa, gastam tudo o que têm e o que não têm como certos moderatistas de praça que venderam os seus automóveis conseguidos a poder de muitos anos de trabalho duro: na propaganda de seus nomes, para no final de contas, sem sequer o imaginarem, ajudarem a eleger um cardeal, ou um tubarão que, apesar de gastar uma grande fortuna na compra de votos, não se elegeria se não fossem os votinhos carreados para a legenda pelos humildes candidatos que se arriam para tomarem os seus nomes, legítimos, nos últimos lugares da votação, melancolicamente derrotados pelo poder de dinheiro que o que, realmente, domina a política republicana.

Que restará das próximas eleições? Algumas dezenas de felizardos, encarapitados em suas cadeiras curvas, algumas centenas de novos funcionários públicos (senão milhares), os cabos eleitorais daqueles felizardos e... mais de 500 infelizes que gastaram os seus poucos haveres, para ajudar os felizardos a ganhar a sorte grande da eleição.

Que ganhará o município e a nação com isto? Mais impostos que terá de pagar, para sustentar tudo isso e... aumento do custo de vida, como consequência de todos esses estabanejos eleicoeiros.

Até quando, ah! República perdurária e eleicoeira, abusará de nossa paciência?

Até quando este Circo de Cavalinhos que, já agora, não mais nos causa piedade, ou vergonha, mas nos faz rir, continuará a arrebatar a nação que a tudo continua a assistir estupidificada?

Chegará a outubro de 1960? Deus o sabe, mas... acreditamos que não e, assim o desejamos, para "bem do povo e felicidade geral da nação".

P. S.

Já estava escrito este artigo quando o resultado das eleições em São Paulo veio confirmar o seu título: **RÉ** Pública, ou circo de cavalinhos? **CACARECO**, o rinoceronte do zoológico, foi eleito com uma votação de mais de 100.000 votos. Que significa isto, senão que o povo — o famoso "povo", esta palavra sem sentido com a qual os ré publicanos tanto enchem a boca — já está feito dólito e de tudo quanto eles representam: promessas, enganos, mentiras, logros, malandragens, roubos, saques, peculatos, venda de consciência, etc. etc. etc.?

Que significa, senão que a **RÉ** está por pouco? Repito, portanto aqui, com mais ênfase ainda a pergunta que estampeei acima: chegará a outubro de 1960?

José de OLIVEIRA PINHO

O 13 DE MAIO, EM S. JOSÉ DO BARREIRO

A cidade de S. José do Barreiro, continuando as solenidades do seu primeiro Centenário, comemorou, com a tradicional Festa de S. Benedito, o 13 de Maio.

As primeiras horas de manhã de 13, com o ressoar festivamente dos negros sinos da poética e encantadora Matriz, o povo foi pouco a pouco se aglomerando na Praça da Igreja. O fogueteiro, já lá estava. Na torre da Matriz, o relógio marcava 8,30 hs. Saem, então, da Igreja as Irmandades, tendo à frente o Estandarte, numerosas crianças, o Vigário, devidamente acompanhados de uma verdadeira legião de Filhas de Maria e Congregados Marianos, e a deslumbrante Irmandade do Rosário. Esta tem os seus Capelães revestidos, a fim de conduzirem o seu Patrono, S. Benedito, cujo andar ricamente ornamentado se encontrava, sob o cuidado da Comissão encarregada das festividades do Santo, no Hotel S. José, de onde fôra levado processionalmente para a Igreja Matriz. Isso depois de percorrer algumas ruas da cidade. Chegando à Igreja, teve lugar a solene Missa Solene em louvor ao milagroso Santo.

Terminada a cerimônia litúrgica, saíram o povo e as irmandades para o largo da Igreja, e caminho do Cemitério Velho, em cuja romaria formaram parte as principais Autoridades de relevo da cidade, a fim de inaugurar o **Monumento aos Escravos**, verdadeira obra artística, erguido à entrada do cemitério, localizado à esquerda, valiosíssima oferta do Prefeito da Cidade, Prof. Aureliano SILVERIO GOMES DOS REIS, em homenagem ao negro brasileiro.

Junto do Monumento, encontrando-se presentes as principais Figuras representativas do Centenário da Cidade, foi no momento dada oficialmente a palavra ao Prof. Ariando Baptista Pereira, da Imprensa Monárquica, para dissertar sobre a data e dar por inaugurado o Monumento. Lembra então o orador, em sua saudação ao povo da cidade, especialmente aos negros do Brasil, que não podia deixar de agradecer a Deus honra a si atribuída com a escolha de seu nome para falar sobre o 13 de Maio, data genuinamente nacional. No Império era, o 13 de Maio, feriado nacional, afirma o orador. Deixando de o ser na República porque Anti-Nação, cujo característico lema é destruir a grandeza do passado, o qual não nos envergonhou. Se devemos ter vergonha de

alguma coisa é do presente, não do passado; que o Império era para nós como que um lago azul. A República transformou esse lago azul — num mar de lama — que D. Pedro II, o mais generoso de todos os brasileiros, o mais justo, o mais culto e o mais sábio, nasceu no Rio de Janeiro aos 2 de Dezembro. Não renunciou ao Trono e morreu depois na França como Governador de jure, de direito do Brasil. O que não é de jure, ou o que não é de direito, o que é um atentado ao Direito Natural é a República que é Anti-nacional. Que a Princesa Isabel, a Redentora dos cativos, dada a nobreza de seu gesto assinando a Lei da Abolição, mereceu ser premiada por S.S. o Papa, com a rosa de ouro, que não é apenas uma rosa, mas sim uma roseira, preciso mimo que S.A.R. Dom Pedro Henrique de Bragança, Herdeiro do Trono Brasileiro, ofertou à Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro.

Afirma o orador que o negro brasileiro, no passado, em seu imenso sacrifício contribuiu grandemente para o enriquecimento das finanças do Brasil, hoje arrasada pelo regime republicano, tornando-se assim nulos os esforços dos nossos abnegados patriotas; que o Brasil precisa de uma redenção à altura de seus destinos; que existe abuso com brasileiros do Norte, de lá transviados por mercadores que os vendem, segundo notificação da imprensa e nada se tem feito neste regime desconcertante cobrindo tais demandas; que as Forças Armadas em razão também de outros calamitosos acontecimentos, não se sentindo seguras em sua dignidade, no atual regime, hão de por bem dar por encerrada a experiência, instituindo o Terceiro Império Brasileiro, o qual já se desenha no céu de nossa Pátria.

Lembra ainda o orador, que a Igreja Católica muito contribuiu para a libertação dos escravos. Faz um ligeiro relato de quantos senos no Brasil e a imensa população da Ásia e do Continente Negro, afirmando ser necessária alta diplomacia para cuidarmos desses problemas continentais, então descurados pelos Países do Ocidente.

Ao término congratula-se com S. Excia. o Sr. Prefeito da cidade pela alta compreensão de brasilidade, determinando Feriado Municipal, oferecendo assim oportunidade para que todos pudessem assistir à inauguração do monumento, no qual se encontravam exaradas, em letras de ouro, essas importantes palavras: "Não somos escravos..."

A seguir o Capelão leigo, José Benedito Fortunato, nomeado pela Autoridade Diocesana, fez-se ouvir, recitando o Têrço e Ladinha cantada, de acordo com o ritual usado no Império, logrando perfeição e acompanhamento de quantos estiveram presentes.

Mais tarde, ao anoitecer, teve lugar preciosa luminosa, nela figurando passagem de conjunto Imperial, e depois ao recolher, o Capelão, José Benedito Fortunato, por determinação do Vigário da Paróquia, deu início a um grande e concorrido leilão, não tomando parte como auxiliar do Leiloeiro, S. S., o Sr. JOSÉ SOARES COSTA, Presidente da Câmara. Com as danças características do "Jongo" e inúmeros bailes levados a efeito na Cidade Centenária, deram-se por encerrados os festejos do 13 de Maio em S. José do Barreiro.

(Reportagem do jornal "MONARQUIA")

Leia a "Orgânica Patrianovista" e mande às favas tôdas as utopias republicanas e democráticas cujo último desfecho é ditadura, despotismo, tirania e escravidão.

AS NOSSAS RESERVAS HUMANAS

Alguns dos nossos jovens jornalistas, nos dias em que se lhes azeda o pessimismo com a digestão mal feita em patuscas noitadas, têm espalhado que estamos degenerados e que facilmente nos levariam de vencida, em uma guerra de conquista, os gigantes europeus, e principalmente os germanos ou anglo-saxões. Enganam-se tais moços, julgando por si todos os seus compatriotas. Há pelo nosso interior uma população de mestiços que, pelas suas aptidões para o sofrimento, para tolerar intempéries e fome, para subir na escala da resistência até às culminâncias do heroísmo, só pode bem avaliar quem com ela haja tratado... Aos que lhes chamem raça mesclada, podem eles, os nossos caipiras e jagunços, perguntar onde as há totalmente puras. São, porventura, étnicamente unos o francês celta da Bretanha, o francês germânico, o francês latino? Quem não descobre no aspecto físico, na linguagem e nos costumes de uma boa parte da Espanha a mescla do sangue arábico? Acaso na tez e nos dialetos da Itália meridional não se revela idêntica mistura de elemento semítico? Os alemães? Mas quem não sabe que grandemente eslavos, e talvez mais do que germanos, são os atuais dominadores da Alemanha, os vitoriosos prussianos? Passam os tempos, e com eles, ao sópro das revoluções, das guerras, das migrações, dos mil acidentes que conturbam o planeta, a pobre poeira humana em tôdas as partes se mistura e confunde.

Carlos de LAET